

A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO MÃE- FILHO NA GESTAÇÃO

FONSECA, Bárbara Cristina Rodrigues

Psicóloga voluntária do SOS Psicólogo II Clínica-Escola - Faculdade de Ciências da Saúde de Garça / FASU / ACEG

E-mail: babi2121@hotmail.com

O momento da gravidez pode ser considerado uma das mais importantes etapas do desenvolvimento da mulher. Este estudo, de revisão bibliográfica, objetiva verificar como as mulheres grávidas estabelecem e vivenciam a construção do contato afetivo com o feto, no período gestacional. Surge a partir da hipótese de que influências do campo de vida emocional, social, biológico e econômico das gestantes no processo da gravidez, e na sua relação afetiva com o feto, podem afetar o desenvolvimento deste. Os resultados revelaram que a construção do vínculo afetivo na gestação é fundamental, e é estabelecido e vivenciado pela mãe, na maioria das vezes, em expressões de carinho e afeto através do contato com o feto, principalmente através da fala e do toque na barriga. Faz-se necessário ressaltar a importância da melhoria da qualidade do contato, através do qual a gestante consegue fechar *gestalt*, reorganizar seu campo de vida e se adaptar às situações da vida. É através do contato afetivo que a mãe conseguirá vivenciar a gravidez de maneira saudável e ter uma maior integração com o feto; visto que foi constatado que o contato favorece a formação de vínculos afetivos futuros, e a organização e maturação da identidade da criança.

Palavras-Chave: Contato afetivo. Gravidez. Gestalt-terapia. Vínculo.

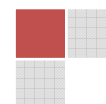
THE CONSTRUCTION OF THE AFFECTIVE BOND MOTHER-SON IN THE GESTATION

The moment of the pregnancy can be considered one of the most important stages of the development of the woman. This study, of bibliographical, objective revision to verify as the pregnant women they establish and they live deeply the construction of the affective contact with the embryo, in the period of gestation. It appears from the hypothesis of that influences of the field of emotional, social, biological and economic life of the pregnant woman in the process of the pregnancy, and in its affective relation with the embryo, can affect the development of this. The results had disclosed that the construction of the affective bond in the gestation is basic, and are established and lived deeply for the mother, most of the time, in expressions of affection and affection through the contact with the embryo, mainly through it speaks and of the touch in the belly. One becomes necessary to stand out the importance of the improvement of the quality of the contact, through which the pregnant woman obtains to close *gestalt*, to reorganize its field of life and if to adapt to the situations of the life. It is through the affective contact that the mother will obtain to live deeply the pregnancy in healthful way and to have a bigger integration with the embryo; since it was evidenced that the contact favors the formation of future affective bonds, and the organization and maturation of the identity of the child.

Keywords: Affective contact. Pregnancy. Gestalt-Therapy. Link.

1. INTRODUÇÃO

O momento da gravidez, segundo Dickstein, Maldonado e Nahoum (1985), pode ser considerado uma das etapas do desenvolvimento da mulher de extrema



relevância e, por isso, necessita de adaptações e reajustes biológicos, psicológicos e sociais da mesma.

Quando se trata do fenômeno da gestação, o conceito “maternidade” deve ser discutido, devido principalmente ao fato de que a construção histórica desse conceito influencia diretamente a relação mãe-feto. Atualmente, a maternidade passa aos poucos a assumir um novo significado social, de acordo com Lima, Oliveira e Veríssimo (1996, p. 17), como um novo momento do ciclo existencial, no qual deve ser permitido à mulher experimentar os sentimentos, assim como, o direito de escolher ser mãe, não por cobranças da sociedade e imposições morais, mas como uma opção responsável em gerar ou não um ser.

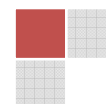
A partir desta perspectiva, é possível considerar que a gravidez desencadeará para a mulher três momentos: o nascimento de um novo ser, de uma mãe e de uma possível família. Portanto, esta nova situação que envolve a mulher e o meio social no qual está inserida irá influenciar o processo psicológico, a adaptação a este novo período e o desenvolvimento desses novos papéis psicossociais. A mulher deixará de ser somente filha para se tornar, também, mãe.

A Gestalt-terapia entende que a maneira como a mãe decide vivenciar a fase da gravidez e como constrói o contato afetivo com o feto influenciará sua própria vida e, possivelmente, a vida do filho em desenvolvimento.

O contato é uma das questões centrais da Gestalt-terapia, pois a partir das relações estabelecidas no aqui-e-agora do indivíduo consigo mesmo e com o mundo, pode-se compreender a maneira como ocorre o contato afetivo mãe-filho na gestação.

Este estudo objetiva, através de uma revisão bibliográfica, verificar como as mães estabelecem e vivenciam a construção do contato afetivo com o feto no período gestacional. Surge, a partir da hipótese de que influências do campo de vida emocional, social, biológico e econômico das gestantes no processo da gravidez e na sua relação afetiva com o feto podem afetar o desenvolvimento deste.

2 - O CONTATO NA GESTALT-TERAPIA



A Gestalt-terapia utiliza, como uma de suas teorias básicas, a Teoria de Campo, a qual se destaca para a compreensão da construção do vínculo afetivo mãe e feto na gestação, fenômeno que se busca conhecer nesta pesquisa.

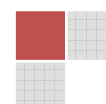
Segundo a Teoria de Campo de Kurt Lewin, eventos, experiências, objetos, organismos e sistemas são partes significativas de uma totalidade conhecível de forças mutuamente influenciáveis. Desta forma, podemos afirmar que tudo o que existe e que acontece no mundo pertence a um campo de inter-relações, de maneira que nenhum fenômeno deve ser identificado e entendido de maneira isolada, visto que é apenas uma parte de um todo (campo) unificado e contínuo; isto é, que se modifica e se compõe a todo o momento, no tempo e no espaço (YONTEF, 1998, p.210).

De acordo com Ribeiro (1985, p. 60), a Teoria do Campo considera o conceito de Espaço Vital, que pode ser compreendido como a somatória do mundo físico, onde o sujeito se encontra no momento em que se comporta, e o mundo psicológico, ou seja, o significado deste mundo para o sujeito, suas necessidades, idéias e motivações.

A Gestalt-terapia, enquanto ciência psicológica utiliza-se, tanto na prática quanto na teoria, dos conhecimentos da Teoria Organísmica; esta apresenta como ponto central a noção de que o homem deve ser entendido como uma totalidade integrada e, por isso, deve ser compreendido dentro de um campo. Considera, ainda, que os indivíduos comportam-se como ser-no-mundo, ou seja, ficam sempre inter-relacionados com o mundo e não separados deste (RIBEIRO, 1999).

A Teoria Organísmica define o organismo como uma só unidade, por meio da qual todo fenômeno mental ou fisiológico deve ser entendido como resultante de um encontro eu-mundo. Assim, para compreendê-lo enquanto todo, é necessário descobrir como se dão estes encontros da pessoa com o mundo ou, ainda, quais são as leis gerais do seu funcionamento total (RIBEIRO, 1999, p.12).

Segundo a Gestalt-terapia, a forma, ou seja, o tocar, olhar, falar, ouvir e a qualidade do contato estabelecido será expresso de modo variável; isto é, de acordo com a história de vida de cada gestante, da história de contatos que ela



estabeleceu, dos significados que atribuiu a estes e, conseqüentemente, de como os introjetou, de maneira a estruturar sua realidade interna.

Pode-se acrescentar que os contatos estabelecidos são resultados das relações vivenciadas no campo de vida dos indivíduos, pois é neste que os contatos se dão; ou seja, as relações entre as pessoas e o mundo ocorrem no campo do sujeito, sendo influenciadas pelo seu espaço de vida. A vivência do contato depende da experiência do campo, cuja qualidade altera a experiência imediata vivida pelo sujeito, em um dado momento. Portanto, a experiencição, significação e organização do campo do sujeito determinarão o tipo e a qualidade do contato estabelecido (RIBEIRO, 1997, p.13).

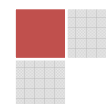
Para Ribeiro (1997, p. 14), o corpo é o que determina as possibilidades e limites do contato, de tal modo que “as leis que regem o corpo são as leis cuja compreensão nos indica processos que proporcionam um contato de maior ou de menor qualidade”.

Para uma melhor compreensão do contato, podemos citar as quatro fases principais definidas por Ginger e Ginger (1995): o *pré-contato*; o *tomar contato*; o *contato pleno* e o *pós-contato*.

O *pré-contato* é entendido como uma fase de sensações, durante a qual a percepção ou excitação nascente em meu corpo – geralmente por um estímulo do meio – tornar-se-á a *figura* que solicita meu interesse. Entende-se, assim, que esta seria a fase em que o corpo é estimulado pelo meio e define o que no momento presente será a minha figura (GINGER; GINGER, 1995, p. 130).

O *tomar contato* é definido como sendo uma fase ativa, no decorrer da qual o organismo vai enfrentar o meio. Trata-se, aqui, não do contato estabelecido, mas do estabelecimento de contato, de um processo e não de um estado. Podemos dizer que esta é a fase em que o sujeito vai se relacionar com o meio, estabelecendo um contato com o seu objeto de maneira processual. Nesta fase, o sujeito irá empregar ações para entrar em contato, que serão definidas de acordo com sua figura e fundo no momento (GINGER; GINGER, 1995, p. 131).

O *contato pleno* é um momento essencial de confluência saudável, de indiferenciação entre o organismo e o meio, entre o Eu e o Tu, um momento de



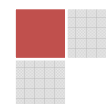
abertura ou de abolição da *fronteira de contato*. A ação é unificada no *aqui-e-agora*: há coesão entre percepção, emoção e movimento. Esta seria, então, a fase em que o sujeito está em contato com o outro, de maneira que os dois se tornam unificados e coesos em seus sentimentos e comportamentos; pode-se dizer assim que, neste momento, há uma total integração entre os dois (GINGER; GINGER, 1995, p. 131).

O *pós-contato* é a fase de assimilação, que favorece o crescimento. O sujeito está novamente disponível para uma outra ação: a *gestalt* é fechada, um ciclo está terminado. Nessa fase final, o sujeito apresenta uma mudança na sua natureza, que foi favorecida pelo contato, em que esta lhe possibilita crescimento e aprendizado. Além disso, é nesta fase em que uma *gestalt* é fechada que uma figura se torna fundo (GINGER; GINGER, 1995, p. 131).

Entendendo o contato como um processo, que envolve os já citados momentos ou fases, se pode ainda compreender o contato em um ciclo. Este Ciclo do Contato é denominado pelo autor Ribeiro (1997, p. 38), como Ciclo dos Fatores de Cura (fluidez, sensação, consciência, mobilização, ação, interação, contato final, satisfação e retirada) e Bloqueio de Contato (fixação, dessensibilização, deflexão, introjeção, projeção, interação, retroflexão, egotismo e confluência), sendo possível verificá-lo como tendo início, meio e fim. Quando um ciclo é completado, significa o fechamento de uma *gestalt* e a abertura de uma nova *gestalt*.

Outra característica relevante deste ciclo é que cada momento deste contém influência do momento anterior. Em cada ponto do ciclo, o ciclo inteiro se repete, no sentido de que, nenhum gesto pode ser visto ou ocorre isoladamente. Cada mecanismo de defesa do “eu” e cada fator de cura contém parte do outro, o que não nos impede de defini-lo como polares, enquanto processos em oposição e, às vezes, em exclusão e/ou em complementaridade (RIBEIRO, 1997, p. 62).

O *mecanismo de fluidez* é entendido como o processo pelo qual movimento-me, localizo-me no tempo e no espaço, deixo posições antigas, renovo-me, sinto-me mais solto e espontâneo e com vontade de criar e recriar minha própria vida. Este processo significa a capacidade dos sujeitos de não se ligarem, demasiadamente, a pessoas ou coisas, de tal modo que passem a não conseguir se movimentar sem estas. Ainda, segundo este processo, os indivíduos se percebem como seres



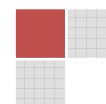
fazendo parte de um tempo e num espaço, com inúmeras possibilidades de mudar ou de se recriarem a qualquer momento (RIBEIRO, 1997, p. 42).

O *mecanismo de fixação* é o processo pelo qual me apego excessivamente a pessoas, idéias ou coisas, temendo surpresas diante do novo e da realidade, sinto-me incapaz de explorar situações que flutuam rapidamente, permanecendo fixado em coisas e emoções, Entende-se que, neste processo, as pessoas têm como característica o medo de correr riscos, de mudar, de sair da rotina; pois, sempre consideram que poderão ter surpresas desagradáveis e, por isso, se apegam excessivamente a pessoas, coisas e sentimentos, com os quais sente alguma segurança, por já conhecê-los e saber como lidar e o que esperar deles (RIBEIRO, 1997, p. 43).

A *sensação* é o processo pelo qual eu saio do estado de frieza emocional, sinto melhor a mim mesmo e as coisas, estou mais atento aos sinais que meu corpo me manda ou produz, sinto e até procuro novos estímulos. Os sujeitos sentem a si mesmos e as coisas que estão ao seu redor, conseguem interagir com elas, de acordo com os sinais e necessidades de seu corpo e, assim, passam também a buscar novos estímulos que lhes emocionem (RIBEIRO, 1997, p. 42).

O *mecanismo de dessensibilização* é definido como o processo pelo qual me sinto entorpecido, sinto uma diminuição sensorial no meu corpo e não diferencio os estímulos externos e, assim, acabo perdendo o interesse por sensações novas e mais intensas. Neste processo, o sujeito não consegue captar os estímulos sensoriais que lhes são oferecidos, não consegue ter experiências que exijam algum grau de sensação e percepção corporal, o que acaba levando a uma perda de interesse, por parte do sujeito, a vivência de situações e sensações novas (RIBEIRO, 1997, p. 45).

A *consciência* é definida como o processo pelo qual o indivíduo percebe-se de uma maneira mais clara e reflexiva, encontra-se mais atento ao que ocorre à sua volta, relaciona-se com mais reciprocidade com pessoas e coisas, conseguindo entrar em contato com elas de uma maneira direta e profunda (RIBEIRO, 1997, p. 42).

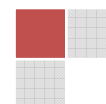


O *mecanismo deflexão* é conceituado como o processo pelo qual evito contato pelos meus vários sentidos, ou faço isso de uma maneira vaga e geral, desperdiço minha energia na relação com o outro, usando um contato indireto, palavreado vago, sem ir direto ao assunto. Pode-se depreender, então, que, nesse processo, as pessoas agem de forma superficial para com o outro, evitando ou minimizando o estabelecimento do contato, de modo que suas relações se tornam vagas, inexpressivas ou apáticas (RIBEIRO, 1997, p. 43).

O *fator mobilização* é entendido como o processo pelo qual sinto necessidade de me mudar, de exigir meus direitos, de separar minhas coisas das dos outros, de sair da rotina, de expressar meus sentimentos exatamente como sinto e de não ter medo de ser diferente. Esse fator se refere ao processo pelo qual os sujeitos conseguem se individualizar, ou seja, se separar dos outros, entendendo que são diferentes dos demais; e que, portanto, podem ter pensamentos e opiniões diferentes, conseguindo assim expressá-los e defendê-los sem medo de ser diferente e, talvez, não agradar aos outros. Além disso, neste processo as pessoas desejam mudar, buscam sair da rotina, do comodismo (RIBEIRO, 1997, p. 46).

O *mecanismo introjeção* é definido por Ribeiro (1997), como sendo o processo pelo qual obedeço e aceito opiniões arbitrarias, normas e valores que pertencem a outros, engolindo coisas sem querer e sem conseguir defender meus direitos, por medo da minha própria agressividade e da dos outros. Entende-se que os sujeitos, neste processo, agem tentando manter as situações da maneira que consideram como sendo a mais cômoda de lidar, visto que sentem medo de mudanças em sua própria vida. Nesse processo, os indivíduos geralmente se relacionam com os outros à sua volta aceitando tudo o que estes lhes dizem, introjetando ou “engolindo” mesmo que não concordem; além disso, não conseguem expressar, nem defender suas opiniões, exigir seus direitos, devido ao receio de que o outro seja agressivo ou não o aceite por isso.

A *ação* é conceituada como o processo pelo qual expresso mais confiança nos outros, assumo responsabilidades pelos meus próprios atos, identifico em mim mesmo as razões dos meus problemas, ajo em nome próprio, sem medo da minha própria ansiedade. Pode-se entender a ação no momento em as pessoas têm



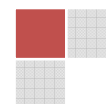
melhor capacidade de se perceber enquanto responsáveis pelos seus atos; isto é, pelo que fazem e falam, conseguindo identificar em si próprios os motivos dos seus comportamentos (RIBEIRO, 1997, p. 46).

No *mecanismo de projeção*, a pessoa apresenta dificuldade de identificar o que é seu, atribui aos outros a responsabilidade pelos seus fracassos, se sente ameaçada pelo mundo em geral. Gosta que os outros façam as coisas no seu lugar. A pessoa age com dificuldade de se perceber enquanto responsável por seus atos e pelas consequências destes, e passa a responsabilizar os outros pelo que lhe acontece. Além disso, sente-se constantemente ameaçada pelos que estão à sua volta, como se estes sempre quisessem o seu mal, ou estivessem planejando algo para lhe prejudicar (RIBEIRO, 1997, p. 44).

Quando me encontro no *processo de interação*, me aproximo do outro sem esperar nada em troca, ajo de igual para igual, dou pelo prazer de dar, convivo sem esperar retribuição, sinto que estar e relacionar-me com o outro me ajuda a me perceber como pessoa. Aqui, os sujeitos agem em relação ao outro de maneira descompromissada, ou seja, conseguem se relacionar com as pessoas que estão à sua volta sem ficar sempre esperando algo em troca; e quando dão algo é porque realmente o querem fazer e não porque desejam que seu gesto seja retribuído; consideram, ainda, que agindo desta forma conseguem se perceber melhor (RIBEIRO, 1997, p. 47).

O *mecanismo proflexão* é conceituado como sendo o processo pelo qual a pessoa deseja que os outros sejam como ela própria é, manipulando-os a fim de receber deles aquilo de que precisa, seja fazendo o que eles gostam, seja se submetendo passivamente a eles. A pessoa, nesse processo, não se percebe enquanto capaz de satisfazer suas próprias necessidades, passa a manipular os outros ou se submeter a estes, sempre esperando que a satisfaçam, realizem seus desejos, proporcionem aquilo que ela não consegue por si mesma (RIBEIRO, 1997, p. 47).

O *fator contato final* é no processo o qual sinto a mim mesmo como minha própria fonte de prazer, nutro-me do que gosto e do que quero sem intermediário, relaciono-me com as pessoas de uma maneira direta e clara; isto é, com base neste

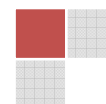


processo entende-se que as pessoas agem sem depender do outro para viver, para satisfazerem suas necessidades e desejos, sentem que possuem em si mesmas o que necessitam para ter prazer (RIBEIRO, 1997, p. 47).

O *mecanismo retroflexão* é o processo pelo qual a pessoa deseja ser como os outros desejam que ela seja. Arrepende-se com facilidade por se considerar inadequada nas coisas que faz, por isso as faz e refaz várias vezes, para não se sentir culpada depois. Deixa de fazer coisas com medo de ferir e ser ferida. Sente, muitas vezes, que é inimiga de si mesma. A pessoa age de maneira a ser o que os outros gostariam que ela fosse, deseja ser o que os outros são e não o que ela é na verdade. Geralmente, considera-se inadequada nas atividades que realiza, e se arrepende ou, simplesmente, não faz o que gostaria com medo de se arrepender, de sofrer ou de magoar alguém. Por não fazer o que quer ou como quer, acaba por sentir que age como se lutasse contra si própria (RIBEIRO, 1997, p. 44).

A *satisfação* é o processo pelo qual vejo que o mundo é composto de pessoas, que o outro pode ser fonte de contato nutritivo, que pensar em possibilidades é pensar em crescimento, que é possível desfrutar dividindo e que o mundo fora de nós pode ser fonte de prazer. Neste processo, as pessoas percebem que fazer contato com outras pessoas pode ser algo bom, que possibilita prazer e satisfação e que estes não estão somente em cada um de nós, mas que também podem ser obtidos através do mundo e compartilhados com os outros (RIBEIRO, 1997, p. 42).

O *mecanismo do egotismo* pode ser entendido como aquele pelo qual a pessoa se coloca sempre como o centro das coisas. Impõe tanto a sua vontade e desejos que acaba deixando de prestar atenção ao meio circundante, tendo muita dificuldade em dar e receber. A pessoa age como se percebesse somente a si própria, de modo que só ela existe, e tem necessidades e desejos, e os outros à sua volta apenas satisfizessem esses desejos; por isso, busca sempre manipular o meio em que está inserida a seu favor, para que tudo ocorra como ela quer. No entanto, passa a ter dificuldades para entrar em contato com o outro ou para estabelecer relações onde possa dar e receber (RIBEIRO, 1997, p. 48).

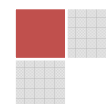


De acordo com Ribeiro (1997, p. 48), no *processo de retirada*, saio das coisas no momento em que sinto que devo sair, percebendo o que é meu e o que é dos outros, aceito ser diferente para ser fiel a mim mesmo, procuro o novo e convivo com o velho de uma maneira crítica e inteligente. A partir deste processo, entende-se que se remete à idéia de que as pessoas conseguem perceber que são diferentes umas das outras e que, com isso, possuem opiniões, idéias e pensamentos às vezes divergentes; mas, elas se aceitam e, por isso, são fiéis a si próprias e às suas necessidades, de modo que podem entrar ou sair de um contato no momento em que acharem que o devem fazer, respeitando o outro, mas não se subordinando a ele.

O *mecanismo de confluência* é definido por Ribeiro (1997, p. 45) como aquele no qual a pessoa se liga fortemente aos outros, sem diferenciar o que é seu do que é deles, diminui as diferenças para sentir-se melhor e semelhante aos demais e, embora com sofrimento, termina obedecendo a valores e atitudes da sociedade e dos pais. Entende-se que a pessoa, neste processo, não consegue se perceber com o ser diferenciado e separado dos demais, como se não existisse o “eu”, mas sim o “nós”. Ela se torna o grupo ou a sociedade, de maneira que faz tudo o que estes querem ou dizem que é o certo, com o objetivo de sempre agradá-los, visto que considera que, só assim, será aceita pelos outros e não ficará sozinha.

Outro conceito da Gestalt-terapia é o de *self*. É de fundamental importância para a Gestalt-terapia o processo contínuo de desenvolvimento humano, que a todo o momento o campo do indivíduo estará sofrendo influências, que irão ser determinadas a partir da relação estabelecida com outras pessoas e com o meio em que está inserido. O *self* é um sistema de contatos, que pode estar localizado na chamada *fronteira do organismo*, que seria justamente o que separa o indivíduo do meio, ao mesmo tempo em que o coloca em contato com ele. Além disso, assim como a função e a intensidade do *self* são variáveis, esta fronteira onde o *self* se “localiza” também muda constantemente, visto que cada contato é diferente do outro (KYAN, 2001).

É importante, ainda, considerar a presença e influência do *self* no ciclo do contato, visto que, de acordo com Ribeiro (1997, p. 30), o *self* se localiza no centro



do ciclo do contato, com o objetivo de regular os contatos estabelecidos de acordo com os mecanismos ou fatores de cura e bloqueios de contato, isto é, ora de modo saudável, ora de modo doentio. Assim, o ciclo do contato com o *self* no centro, é a expressão mais afirmativa de seu aspecto relacional e da totalidade visível, nas diversas formas que o contato assume como expressão da pessoa humana.

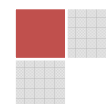
3 - Vínculo afetivo na construção do contato mãe-filho

A construção do vínculo afetivo entre a mãe e o feto, na gestação, é fundamental. Neste período, tanto a mãe quanto o feto possuem necessidades de adaptação às mudanças, que podem envolver aspectos físicos e psíquicos, e, nessa fase, a construção do vínculo materno-filial pode contribuir para a satisfação dessas necessidades.

Sobre o vínculo afetivo entre mãe e feto, Wilhelm (1997) o aponta, também, como fundamental para a construção da identidade do bebê. Ela os caracteriza como sendo “‘investimentos afetivos’ com os quais envolvemos as pessoas e as coisas com as quais convivemos” (p.107).

Segundo Carvalho (2002), outro aspecto importante nesta relação é a afetividade em qualquer contato estabelecido entre duas pessoas; isto é, segundo sentimentos e emoções que se apresentam como comportamentos emocionais de dar e receber atenção, carinho e afeto, através da palavra, do olhar, do toque, entre outros, mas que podem ser também negativos através da violência. A construção do contato afetivo se dá a partir das influências da personalidade da mulher, dos seus valores, crenças e dos outros significativos para a mesma.

Com base na Gestalt-terapia, e nas influências da Psicologia da Gestalt e da Teoria do Campo, considera-se que as gestantes estão inseridas em um campo de vida no qual elas se inter-relacionam com o meio interno e externo, e este campo vai se reorganizando de acordo com as experiências e significações sobre elas e sobre o mundo. Nesse sentido, a forma como estabelecem o contato afetivo com o feto pode ser entendida como decorrência de uma reorganização no seu campo de vida,



no qual a gravidez vai influenciar a vivência da mulher e vice-versa (GINGER; GINGER, 1985).

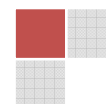
A fase do contato já pode ser identificada nas gestantes a partir do momento em que estas percebem os sintomas da gravidez, como enjôos, ausência de menstruação, mudanças físicas no corpo. Estas mudanças e estímulos, que antes não ocorriam passam a se evidenciar se tornando figura (gravidez), o que solicitará a elas um maior interesse, investimentos e cuidados. Considera-se esse processo como figura, devido às mudanças estarem proporcionando preocupação para com o feto fazendo com que esta entre em contato.

Torna-se necessário compreender o contato como um processo, ou melhor, como “Ciclo de fatores de cura e bloqueio de contato” (Ribeiro, 1985, p.38). Este ciclo possui início, meio e, uma vez completado, significa o fechamento de uma *gestalt*. Também, possui como característica essencial ser formado, simultaneamente, por processos de saúde e de doença em cada momento deste contém influência do momento anterior.

Segundo a Gestalt-terapia, é possível perceber nas gestantes momentos que se evidenciam processos de saúde em que conseguem satisfazer suas necessidades em relação à situação vivenciada, de maneira fluídica. No entanto, muitas vezes, suas necessidades não são satisfeitas, gerando interrupções constantes em seus contatos, caracterizando um estado de doença.

O processo de doença apresenta fatores de cura e bloqueios de contato, De acordo com Ribeiro (1997), este ciclo é composto dos seguintes elementos que poderão ser identificados durante a gravidez: “*fluidez, sensação, consciência, mobilização-ação, interação, contato final, satisfação e retirada*” (p.42).

Pode-se constatar o processo de *sensação* nas gestantes, quando estas buscam novos estímulos e procuram interagir com o feto; tais estímulos proporcionam a elas sentimentos que mobilizam sensações de felicidade e de que, também, dentro delas há uma pessoa se desenvolvendo. Os movimentos do feto possibilitam com que elas fiquem mais atentas aos sinais que a gravidez proporciona e, também, com que elas procurem sentir cada vez mais seus filhos de



uma maneira mais intensa, favorecendo, até mesmo no processo de conscientização desta fase (RIBEIRO, 1997).

A *fixação* é outro processo que pode ser verificado nas gestantes que não possuem o apoio do companheiro: esse processo pode ser percebido, pois ainda encontra-se excessivamente apegada à pessoa do seu ex-companheiro de maneira que a sua relação afetiva com o feto fica “empobrecida”. Não consegue direcionar carinho para o feto, porque ainda está muito presa aos sentimentos de abandono do companheiro (RIBEIRO, 1997).

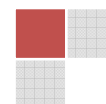
A fase de *consciência* pode ser verificada quando a gestante constata que o carinho que sente pelo meu filho é tão grande, que é capaz de enfrentar qualquer obstáculo por causa dele. Percebe-se que a gravidez possibilita a reflexão sobre si e o outro, proporcionando, assim, o estabelecimento da construção de contato entre a mãe e o feto (RIBEIRO, 1997).

O processo de *mobilização e ação* pode ser percebido no momento em que a gestante assume uma postura mais independente em assumir sua maternidade (RIBEIRO, 1997).

A *satisfação*, a *interação* e o *contato final* podem ser identificados na gestante, quando esta procura estabelecer contato com outras pessoas para que isto possibilite algo bom para seu filho, proporcionando também, para si, um contato nutritivo, passando a desfrutar plenamente o momento da sua gravidez. Portanto, é nesta fase que as gestantes podem descobrir a importância do estabelecimento do contato com o feto e com as demais pessoas (RIBEIRO, 1997).

O *processo de retirada*, segundo Ribeiro (1997), é evidenciado na gestante ao se conscientizar que alguns sentimentos de outras pessoas em relação à sua gravidez é algo que pode ser nocivo para o desenvolvimento saudável do seu feto; ao ter esta percepção, retira-se quando lhe convém. Além disso, percebe também que os sentimentos referentes à sua gravidez e as opiniões familiares são diferentes das suas, e, ao ter sua opinião formada frente à vivência da sua gravidez, entra e sai do contato com as outras pessoas quando acha necessário.

4- Expectativas e sentimentos quanto à interação mãe-filho

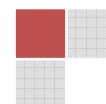


A relação da mãe com seu bebê constitui-se desde o período pré-natal, e é influenciada pelas expectativas que ela tem sobre o bebê e pela interação que estabelece com ele. Esta primeira relação serve de base para a relação mãe-bebê, que, também, se estende após o nascimento.

Em um estudo realizado por Piccinini et al. (2004), investigou-se o modo como ocorre a interação mãe-bebê e algumas dificuldades das gestantes em estabelecer essa interação. Foram entrevistadas individualmente 39 gestantes primíparas, no último trimestre de gestação, com idades entre 19 e 37 anos, e as suas respostas foram examinadas através de análise de conteúdo. As falas das gestantes com relação a esta categoria foram classificadas em quatro subcategorias: *através delas mesmas, pelos movimentos fetais e, através de recursos externos e dificuldade de interagir.*

Para algumas gestantes, a sua interação com o bebê ocorria através delas mesmas, com base nas conversas que elas tinham com o bebê. Durante estas conversas, as gestantes disseram narrar acontecimentos, dividir sentimentos e explicar situações, como por exemplo: *"desde agora já converso com ele Daqui a pouco, tu vai nascer, vai ser assim (...) então eu converso com ele, não sei se adianta, eu acredito que sim"*. As gestantes, também, relataram que o toque na barriga era percebido como outro jeito de contatar o bebê: *"essa coisa de passar a mão, até porque eu acho que é o único contato que tu tem, parece que é a coisa mais prática (...) dá a impressão de acalantar, me dá a impressão de ter"*. Os sonhos, também, foram citados como forma de interação, através da qual as gestantes expressavam a possibilidade de vivenciar a relação com o seu bebê: *"eu sonhei várias vezes, como se tivesse passado a noite inteira com ele (...) deu a impressão que ele ficou a noite inteira comigo, com aquele contato assim"*.

A interação através dos movimentos fetais, também, foi relatada como uma forma de comunicação e acompanhamento do bebê, através das quais as gestantes contatavam o bebê e sentiam suas reações, sabendo sua posição na barriga, conhecendo seus hábitos e horários: *"é preguiçosa pra acordar, eu acho que ela acorda meio tarde, eu vejo isso em função dos movimentos, claro"*. Além disso, as

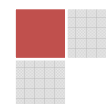


gestantes manifestaram que os movimentos eram uma forma de perceber a sua influência sobre o bebê (ele sentiria o que ela sentia): *"quando eu fico muito ansiosa eu vejo que ele começa a reclamar aqui dentro, se mexe muito"*.

Na interação através de recursos externos, a ultrassonografia foi citada como uma forma de contato mais real com o bebê, pela possibilidade de visualização, *"na ultrassonografia eu fico só olhando, porque por mim eu quero ficar mais tempo, porque é o momento que tu tem de ficar quieta e ver se mexer, não se mexer"*. As gestantes relataram que a música, também, serviu como uma forma de interação com o bebê: *"então tudo que a gente conversa com ela, ela está ouvindo e as musicinhas que a gente coloca, ela tem 12 CD's ali dela, então a gente põe as musicinhas dela"*. O contato com os objetos que o bebê já possui foi outra maneira reconhecida pelas gestantes para interagir com o feto: *"a gente deita na cama, o bercinho tá do lado, já tá o quarto todo arrumadinho, só esperando ele. A gente deita na cama e fica imaginando"*.

Por fim, houve relatos nos quais as gestantes manifestaram dificuldades para interagir com o feto: *"para mim, a minha filha é a minha barriga, não é o nenê, sabe, eu não tenho idéia do nenê, assim. Minha idéia que eu tenho de filha, por enquanto, é a barriga, não tem nada assim muito concreto de criança"*.

Os resultados deste estudo de Piccinini (2004) apontaram que a maior parte das gestantes referiu que a interação com o feto acontecia através de si mesmas, especialmente por meio de conversas (59%), e pelo toque na barriga (28%). Um menor número de gestantes (8%) expressou que este contato acontecia através de sonhos com o bebê. A interação mãe-feto, através dos movimentos fetais como uma forma de comunicação da dupla, também foi percebida por um grande número de gestantes (46%). Um número menos expressivo de gestantes (10%) reconheceu a interação quando seus comportamentos e sentimentos causavam alguma influência nas respostas do bebê. Dentre as formas de interação, a partir de recursos externos, a ultrassonografia foi a forma mais citada (23%), seguida de músicas (13%) e, por último, do contato com objetos do bebê (10%). A dificuldade de interação com o bebê foi verbalizada somente por 2% das gestantes.



5. CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo verificar como as mães estabelecem e vivenciam a construção do contato afetivo com o feto, no período gestacional. Surge a partir da hipótese sobre as possíveis influências do campo de vida emocional, social, biológico e econômico das gestantes no processo da gravidez e na relação afetiva entre mãe e filho.

Os resultados revelaram que a construção do vínculo afetivo na gestação é fundamental e é estabelecido e vivenciado pela mãe, na maioria das vezes, em expressões de carinho e afeto através do contato com o bebê, principalmente através da fala e do toque na barriga.

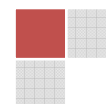
Faz-se necessário, portanto, ressaltar a importância da melhoria da qualidade do contato, através do qual a gestante consegue fechar *gestalt*, reorganizar seu campo de vida e se adaptar às situações da vida. É através do contato afetivo que a mesma conseguirá vivenciar a gravidez de maneira saudável e ter uma maior integração com o feto, visto que o contato favorece a formação de vínculos afetivos futuros, e a organização e maturação da identidade da criança.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, M. A. M. **O afeto nosso de cada dia é essencial pra fazer feliz a quem amamos**. Revista Amae educando, v.35, (308): 27-28, 2002.

DICKESTEIN, J; MALDONADO, M.T; NAHEUM, J.C. **Nós estamos grávidos**. São Paulo: Saraiva, 1996.

GINGER, S; GINGER, A. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.



KYAN, A. M. - **E a gestalt emerge**: vida e obra de Frederick Perls. São Paulo: Altana, 2001.

LIMA, P.S; OLIVEIRA, G.M. N; VERÍSSIMO, W, M. **Mudanças psicológicas em relação à gravidez**: um estudo sobre sentimentos de aceitação e rejeição: trabalho de conclusão de estágio em Psicologia. Belém: UNAMA, 1996.

PICCININI, Cesar Augusto et al. **Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 20, n. 3, Dec. 2004.

RIBEIRO, J.P. **Gestalt-terapia**: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **O Ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 1997.

_____. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 1999.

WILHEIM, J. **O que é psicologia pré-natal?**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

YONTEF, G.M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaio em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.

